



# CINEMA, GÊNERO E O USO EM SALA DE AULA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS<sup>1</sup>

Lucas Leal<sup>2</sup>

### **RESUMO:**

A temática central tenta esclarecer e confrontar a eficácia do uso do cinema em sala de aula na educação de Jovens e Adultos. No trabalho percebeu-se que usar cinema em sala de aula é respeitar a tecnologia que a atual sociedade possui a serviço da educação. Se o processo de ensino aprendizagem respeitar o que a própria sociedade pode oferecer, isso implica que a evolução cultural estará a serviço do próprio desenvolvimento, o que nos parece lógico, mas, contudo, não é aquilo que se percebe nas realidades escolares. Assim, o intuito da pesquisa é apresentar alguns meios pedagógicos para que o educador se sinta instigado a desenvolver e trabalhar o tema da sexualidade através do cinema em sala de aula. A metodologia traçada se encontra principalmente nas ideias sobre pedagogia da autonomia desenvolvida por Paulo Freire.

**Palavras-chave:** Sexualidade; Novas Tecnologias; Práticas pedagógicas.

### **ABSTRACT:**

The central theme of trying to clarify and compare the effectiveness of the use of film in the classroom to educate youth and adults. At work it was noticed that using film in the classroom is to respect the technology that modern society has the service of education. If the process of teaching and learning to respect what the company itself can offer, this implies that cultural evolution is at the service of development itself, which seems logical, but not, however, is what one perceives in the educational situations. Thus, the aim of the research is to present some pedagogical means for the educator feel urged to develop and work on the topic of sexuality through film in the classroom. The proposed methodology is mainly on the ideas of autonomy pedagogy developed by Paulo Freire.

**Keywords:** Sexuality; New Technologies; pedagogical practices.

<sup>1</sup> Trabalho desenvolvido para a disciplina – História do cinema II - do curso de especialização em Estudos Cinematográficos – UNICAP.

<sup>2</sup> Professor de História, Filosofia, Sociologia e Teatro com Licenciatura plena em História – UNICAP; Pós-graduação em Ensino de História das Artes e Religiões – UFRPE; Especialização em Estudos cinematográficos – UNICAP; estudante do curso de Bacharelado em Artes Cênicas – Habilitação em Teoria do Teatro – UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro) – Bolsista do Programa Conexões de Saberes – e-mail: lucaslealhistoria@hotmail.com



### **INTRODUÇÃO:**

Inicialmente é preciso pontuar algumas questões de interesse da pesquisa, para ser possível desenvolver conclusões acerca do objeto central. A discussão é principalmente como desenvolver práticas pedagógicas utilizando o cinema em sala de aula. O caminho traçado visa fazer paralelos sobre o gênero na cinematografia, e como abordar o tema da sexualidade com jovens e adultos durante aulas comuns.

Este artigo faz parte de um estudo sociológico sobre o cinema e a sua utilização prática na educação. O interesse surgiu durante a pós-graduação em estudos cinematográficos e a prática docente do aluno em questão. Hoje, um professor não é apenas aquele que repassa conhecimentos como fonte de verdades, ele tem que ir além, para motivar e dinamizar o ensino aprendizagem.

Sabe-se que muitos professores utilizam o filme em sala de aula para “descanso” ou quando algum outro professor falta. A primeira hipótese será tratada como inaceitável para a educação, mas, infelizmente ocorre. A segunda, não sendo frequente, pode até ter o seu valor.

Mas, como os educandos aprendem a refletir com o filme? A questão surgiu a partir das discussões com educadores da EJA durante capacitações no Estado de Pernambuco (ano letivo de 2009). Para ajudar no enriquecimento de disciplinas como Sociologia, Filosofia, História, Artes, aceitamos o desafio de responder a interrogação.

Para tanto, pensamos em algumas estratégias para que os educadores tenham consciência sobre o uso do cinema e suas técnicas em sala de aula. A partir desta conscientização é possível discutir sexualidade com jovens e adultos através da cinematografia de gênero.

A ideia é permitir que o próprio educador pense em como criar meios do uso do cinema de gênero em sala. Este exercício servirá para debates reflexivos acerca da sociedade atual. Neste sentido é necessário entender a recente relação do cinema com a educação, partindo de teóricos como Paulo Freire e Edgar Morrin.



### DEBATES E DISCUSSÕES:

#### 1. USANDO FILME EM SALA DE AULA:

##### 1.1 COMO USAR O CINEMA EM SALA DE AULA?

Segundo Claudomir Ferreira, “O cinema, há mais de cem anos, permite ao homem produzir e consumir uma variedade de imagens que servem tanto para entretenimento passivo, quanto para a difusão de ideias, emoções e expressões mais elaboradas” (O cinema e a sala: apreciação e leitura fílmica), e assim, para seu uso em sala de aula, são necessárias algumas qualificações por parte do professor.

Segundo Graeme Turner a cerca o uso do cinema como prática social, temos a ideia inicial de que:

O estruturalismo admite que os filmes sejam feitos por cineastas, mas nos lembra que os cineastas são ‘produzidos’ pela cultura. Assim, a teoria estruturalista tem sido muito útil em reassociar o cinema com a cultura que ele representa. Também proporcionou meios de perceber o cinema como um conjunto de linguagens, um sistema para criar significados, aprofundando desta maneira nossa compreensão desse meio de comunicação. (TURNER, 1997, p. 46)

E o autor segue o pensamento afirmando que, “ a evolução do conhecimento sobre o cinema e o aumento das publicações acompanham a chegada gradual de instituições acadêmicas no estudo do cinema e por fim também no ensino de sua prática.” (Ibidem, p. 47) Concorda-se, portanto, que a teoria do cinema recebeu a possibilidade de ser abordada nos estudos sociais.

Segundo ainda com Turner, perceberemos que:

A princípio, a influência dos estudos culturais na teoria do cinema não foi particularmente direta. Os estudos culturais inicialmente analisavam os meios pelos quais os significados sociais são gerados pela cultura – o modo de vida e o sistema de valores de uma sociedade conforme revelados por formas e práticas aparentemente efêmeras como televisão, rádio, esportes, histórias em quadrinhos, cinema, música e moda. (Ibidem, p.48)

Ao confrontar historicamente o cinema como uma arte/cultura que expressa valores, é possível entender porque tentamos unir com as ideias de Paulo Freire, para ele “o educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade do educando, sua curiosidade, sua insubmissão.” (FREIRE, 1996, p. 26)



Turner diz por um lado que,

“A ‘cultura’ foi redefinida como o processo que constrói o modo de vida de uma sociedade: seus sistemas para produzir significado, sentido ou consciência, especialmente àqueles sistemas e meios de representação que dão às imagens sua significação cultural” (TURNER, 1997, p. 48)

Paulo freire diz por outro que, “nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo.” (FREIRE, 1996, p. 26) entendemos a educação através da cinematografia

Pensar hibridamente nas perspectivas dos autores foi uma maneira encontrada para pensar no cinema pedagogicamente. Assim, “(...) a fim de melhor compreender como o cinema pode fazer parte dos sistemas culturais em análise, tornou-se necessário investigar mais de perto o próprio cinema como um meio específico de produzir e reproduzir significação cultural.” (TURNER, 1997, P.49)

Essas investigações se desenvolveram ao passar de décadas, e hoje possui diversos motivos e meios que ensinam acerca das teorias principais que a técnica cinematográfica exige. Pedagogicamente se encontram dois grandes perigos para o uso do cinema.

O primeiro é o educador utilizar o “Vídeo tapa buraco”: colocar filme quando há um problema inesperado, como ausência do professor. Usar este expediente eventualmente pode ser útil, mas se for feito com frequência, desvaloriza o uso da cinematografia como meio educativo. O aluno fica com a impressão de que ter filme é a mesma coisa de não ter aula.

Outro problema na didática com filmes é o “Vídeo enrolação”: exibir filme sem ligação com o conteúdo. O aluno percebe que o filme é usado como forma de camuflar a aula. Pode concordar na hora, mas discorda do seu mau uso. E o educador perde o ‘fio condutor’, que é a busca pelo trabalho ético/educacional.

Há ainda outra categoria que também não deve ser usada, o “Videodeslumbramento”: O professor que acaba de descobrir o uso da cinematografia costuma ‘se empolgar’ e passar filmes em todas as aulas, esquecendo outras dinâmicas mais pertinentes. O uso exagerado do filme diminui a sua eficácia e empobrece as aulas.

O educador, motivado e comprometido com o ensino aprendizagem deve ter a consciência sobre aspectos básicos do uso do filme em sala. Não é satisfatório didaticamente exibir o filme sem debate, sem integração ao conteúdo da aula, sem voltar e mostrar alguns



momentos mais importantes. Enumeraremos alguns cuidados importantes para o uso pedagógico da cinematográfica, que estão divididos a partir do propósito de seu uso.

Antes da exibição: Informar somente aspectos gerais do vídeo (autor, duração, prêmios...). Não interpretar antes da exibição, não pré-julgar (para que cada um possa fazer a sua leitura). Checar o filme antes. Conhecê-lo. Selecionar somente cenas caso elas que interessarem mais ao assunto. Checar o som, idiomas, dublagem. De fato, utilizar o filme como parte da dinâmica e do objetivo da aula e do conteúdo.

Durante a exibição: Anotar as cenas mais importantes. Se for necessário, parar para fazer um comentário breve, sem demorar muito nele. Esclarecer dúvidas, e pedir sempre que estejam prestando atenção aos conteúdos de interesse pré-selecionados.

Depois da exibição: Propor alguns caminhos entre os muitos possíveis para a análise do filme em classe. O educador nesse momento deve seguir o mestre Paulo Freire quando diz que, “quem pensa certo, mesmo que, às vezes, pense errado, é quem pode ensinar a pensar certo. E uma das condições necessárias a pensar certo é não estarmos demasiado certos de nossas certezas.” (FREIRE, 1996, p. 27)

Neste sentido, é preciso antes entender que os debates em sala de aula, principalmente nas disciplinas de Sociologia, Filosofia e Artes, tendem a ser subjetivos. Este fato vai exigir certo domínio do professor perante a turma e sobre o conteúdo (cinematográfico/didático) para conduzir bons debates.

O educador, neste caso, deve atuar como mediador entre as linguagens. Intervindo com explanações acerca das definições culturais, como também tendo a plena consciência do uso correto do filme. A dinâmica deve sempre estar de acordo com os objetivos do tema proposto para aula. A parte interessante dos debates é ‘instigar’ cada educando desenvolver sua própria reflexão.

Pode-se admitir uma metodologia simples para este exercício democrático. Uma delas é pedir para que cada aluno faça um texto sobre as questões que mais chamaram atenção no filme. Após a entrega do texto, juntamente com o educador, deve ser iniciado um debate. Todos da sala devem ter a mesma autonomia para levantar questionamentos próprios, sendo enfatizado sempre que o fio condutor é o conteúdo de interesse para disciplina.

Dinâmicas como a proposta, visam fazer o educando construir/escrevendo. A partir de sua própria construção é possível responder as principais questões levantadas pelo filme. Esclarecer questões filosóficas e sociais que o filme demonstrou (no caso das disciplinas das ciências humanas) é sempre um atrativo para o uso da cinematografia em sala.



O principal, no entanto, não é tirar conclusões, nem tampouco esclarecer e encerrar todos os debates e questões levantadas pelos educandos. Na verdade, principalmente nas disciplinas aqui discutidas, o professor deverá levar o aluno a reflexões constantes sobre problemas que antes de ver o filme ele não imaginava ou não dava tanta importância.

Com isso, a escolha de um filme que aborda a homossexualidade na juventude, vai ter mais sentido quando se percebe o aparato de discussões que podem gerar. Levar filmes que tratam do tema, sem com isso tratar do assunto com apologia ou preconceito, é um bom início para formação de caráter dos educandos. Todos eles terão uma opinião prévia sobre a questão, e após os debates deverão ter outras ou esclarecer a sua anterior.

O primordial neste caso é ter o cuidado constante com a fuga do tema, ou com as ‘piadinhas’ e ‘brincadeiras’ que poderão surgir em sala. O próprio exercício de cidadania, e da conscientização do respeito às diversidades podem ser levantados a partir deste tema. A seguir, esclareceremos o porquê cinema em sala, e neste artigo, especificamente o filme de gênero,

### **1. 2 POR QUE CINEMA NA SALA DE AULA?**

O filme está umbilicalmente ligado ao contexto de lazer, e entretenimento, que passa imperceptivelmente para a sala de aula. Filme, na cabeça dos alunos, significa descanso e não "aula", o que modifica a postura, as expectativas em relação ao seu uso. A partir disto o educador se aproveita da expectativa positiva para atrair o aluno aos conteúdos do planejamento pedagógico.

Cinema significa também uma forma de contar multilinguística (Significado e significante). A cinematografia, parte do concreto, do visível, do imediato, do que ‘toca’ todos os sentidos. Pelo filme ‘sentimos e experienciamos’ sensorialmente’. Essas sensações nos permite conhecer melhor o outro, o mundo, e nós mesmos.

Mas, segundo Yuri Lotman, “Para transformar a fidelidade cinematográfica em instrumento de conhecimento, foi necessário percorrer um caminho longo e difícil.” (LOTMAN,1978 p. 29) Assim, a sua utilização em sala de aula de forma pedagógica, deve ser um trabalho bastante consciente. O educador deve então procurar se preparar bastante, inclusive com leitura sobre teorias do cinema. Todos os cuidados são necessários para não ocorrer o uso pedagógico incorreto do filme.

O filme explora também o ver, o visualizar, o ter diante. Nele surgem situações; pessoas; histórias. Por isso é preciso estar atento ao cenário; as cores; as relações espaciais.





Perceber estes detalhes sabendo que ‘este ver’ está situado no presente, mas que se interliga não linearmente com o passado e com o futuro.

O ver está, na maior parte das vezes, apoiando o falar, o narrar, o contar histórias. Turner afirma que “O cinema é revelado não tanto quanto uma disciplina separada, mas como um conjunto de práticas sociais distintas, um conjunto de linguagens e uma indústria.” ((TURNER, 1997, p. 49) A dinâmica que o filme pode trazer como apoio pedagógico é justamente as formas de interpretação acerca de um mesmo tema.

Por isso se percebe como o próprio autor afirma, que “as abordagens atuais vêm de um amplo espectro de disciplinas – lingüística, psicologia, antropologia, crítica literária e história – e servem a uma série de posições políticas – marxismo, feminismo e nacionalismo.” (Ibidem, p. 49) Por consequência, como dito antes, é preciso certo conhecimento sobre teorias cinematográficas. Deve ser o mínimo a ser apresentado pelo profissional preocupado com a metodologia em sala.

O Filme combina a comunicação sensorial-cinestésica, com a audiovisual, a intuição com a lógica, a emoção com a razão. Combina, mas começa pelo sensorial, pelo emocional e pelo intuitivo, para atingir posteriormente o racional. Visto como processo pedagógico artístico/cultural fica mais fácil de entender a funcionalidade do filme para atingir mais especificamente aos assuntos direcionados nos debates pelo professor.

Educar pelo cinema ou utilizar o cinema no processo escolar é uma busca pelo ‘ensinar a ver diferente’. Educando o olhar, fazendo com que ele ‘decifre’ os enigmas da modernidade na moldura do espaço imagético. Cinéfilos e consumidores de imagens em geral são espectadores passivos. Na realidade, são consumidos pelas imagens e pelos processos de manipulação. Aprender a ver cinema é realizar um rito de passagem do ‘espectador passivo’ para o ‘espectador crítico’. No caso da utilização de filmes em disciplinas como Filosofia, Sociologia e Artes, é ajudar no desenvolvimento crítico e na reflexão acerca das diversidades que o mundo possui.

Lotman diz que “a arte exige uma emoção dupla: esquecer e ao mesmo tempo ter presente que o que se vê é uma ficção. Só em arte podemos nos horrorizar com um crime e ao mesmo tempo apreciar o desempenho do actor.” (LOTMAN, 1978, p. 36) Assim, o olhar cinematográfico enriquece o olhar sobre a educação e sobre o processo escolar.

O cinema pode ser definido como uma educação informal, que necessita de uma metodologia para melhor aproveitamento na sala de aula. Ele atua como elemento de



aprimoramento cultural e intelectual dos docentes e dos discentes. E, ao mesmo tempo, também problematiza seu uso no campo da educação.

Celia Ferrarez Beckedorff diz que:

O filme é uma fantasmagoria que pode destruir o fantasmagórico. O cinema pode ser um feitiço contra o feiticeiro. Entender a feitiçaria do cinema é um processo educacional que leva a recusa do mito, supera a alienação, destrói o fetiche da mercadoria.<sup>3</sup>

A sala de aula já está incorporando e sofrendo intervenções dos meios de comunicação de massa (jornais, revistas, programas de televisão, etc. Porém, é preciso ver que esses meios podem ser considerados como ‘salas de aula’, como espaços de transformação de consciência, de aquisição de conhecimentos; que eles dependem de uma pedagogia crítica, e que o sucesso dessa pedagogia crítica depende de como vamos ver e ouvir os produtos da indústria cultural.

O cinema na escola necessita de uma teoria consistente e aplicável. E a tarefa de exhibir filmes na escola, modificando a prática pedagógica do ensino e da aprendizagem, é um fator em processo de construção coletiva para os educadores de todas as áreas de conhecimento. O cinema, uma arte do fetiche, do fantasmagórico, pode eliminar o feiticeiro e o feitiço. A educação tem papel primordial para tal postura.

## **2. FILME DE GÊNERO E OS DEBATES SOBRE SEXUALIDADE:**

### **2.1 SOBRE A CINEMATOGRAFIA DE GÊNERO:**

Hoje, há a consciência de uma maior abertura em relação aos termos polêmicos. Existem debates acerca dos problemas sociais, como também uma grande visibilidade aos grupos de reivindicação, porém, nem sempre foi assim. No livro História do Cinema Mundial, o autor Denílson Lopes afirma que:

A chave do surgimento desses grupos reside na visibilidade pública para combater preconceitos e formas de exclusão, muitas vezes associados aos discursos médico, legal e religioso, bem como na busca da igualdade de direitos em uma sociedade marcada pela universalização dos valores do homem euro-norte-americano, adulto, heterossexual e branco. (LOPES, 2006, p. 379)

Sabe-se que a cultura de um país pode receber muitas influências. No Brasil a população absorveu vários modelos norte-americanos, e hoje, parte do pensamento da

<sup>3</sup> Plano de aula disponível *on line*.





sociedade brasileira são valores culturais oriundos de épocas retrógradas norte-americanas. Isto implica inclusive na influência dos movimentos de reivindicação. A respeito da sexualidade, Denílson Lopes diz que,

É nos anos 1960, no contexto da contracultura, que os movimentos feministas, gays, lésbicos e transgêneros passam de uma visão meramente integrativa em relação às democracias representativas ocidentais, para contestá-la num plano mais amplo, articulando-se a propostas comunistas, socialistas, anarquistas e libertárias. (Ibidem, 380)

Aliando-se, portanto, aos grupos sociais e políticos já perseguidos, os reivindicantes das questões de gênero começam a se tornar motivo de perseguição. Além de oprimidos pela essência, esses movimentos vão sofrer opressões pela sua postura política. A partir disto é preciso pensar como utilizar o tema em sala de aula. Essa é a questão que se tenta esclarecer.

Concordando com Denilson Lopes quando afirma que,

“enfim, o homossexual deixou de ser o monstro e o anormal ou o transgressor dos anos 1960 e 1970 e está em vias de ser mais um cidadão integrado nos padrões da democracia representativa ocidental, para o melhor ou para o pior.” (Ibidem, 2006, p.390)

Afirma-se então que os homossexuais são cidadãos constituintes e aceitos nos diversos grupos sociais. Portanto, silenciar o tema não seria a melhor solução neste caso. Usar de qualquer forma poderia ser desastroso. Então, o que fazer?

A homossexualidade faz parte dos laços e dos caminhos nas várias cadeias de relações sociais dos seres humanos. Por isso é preciso tratar do assunto como mais um tema social, entre tantos que existem na sociedade. Assim fica sendo pertinente, portanto, debates e discussões acerca do tema.

No entanto, não se admite que o educador esteja tratando do tema com apologias, muito menos ridicularizando os homossexuais. Se a ideia de uma busca pelo trabalho ético/educacional for mantida, trabalhar educando, se torna um saboroso desafio em busca do respeito em geral. Paulo Freire diz que, “Mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso nos fizemos seres éticos.” (FREIRE, 1996, p. 33) Assim, o profissional ao tratar da homossexualidade, deverá ser ético e comprometido com o respeito às diversidades.

Percebe-se neste caso que o tema já tão polêmico, pode ser ainda mais polemizado. Se na escola, aonde for trabalhado o tema, algum outro profissional for homossexual, como deverá ser debatido o tema? Sabe-se que os alunos, ainda em formação de



caráter, nem sempre respeitam e se preocupam com a prática ética. Assim, o profissional, detentor de conhecimento sobre a cinematografia, deverá expor que as imagens irreais do filme, não devem ser traduzidas e comparadas para seu uso ‘obscuro’ na realidade do dia-a-dia. O filme servirá, portanto, para reflexão do tema e não para oprimir alguém.

Sobre transgressões sexuais, a cinematografia está repleta de exemplos. No próximo tópico será colocado um exemplo relevante que pode ser trabalhado com muito cuidado em sala de aula. Em todo caso, entender que o tema não pode ser escolhido aleatoriamente foi o intuito deste tópico. O tema tem história dentro da própria História do cinema. E usar isto como debate é a meta do educador preocupado com a formação dos educandos.

### **2.2 DEBATES SOBRE SEXUALIDADE ATRAVÉS DO CINEMA:**

Levaremos em consideração outro grande teórico da educação, e também da cinematografia. Indicaremos o que Edgar Morin chama de inspirações para o educador e que é comumente chamado de “os sete saberes”. Ele se refere aos saberes necessários para uma boa prática educacional, o que faz fundamental a presença de suas ideias neste artigo.

Na sua teoria; 1º Saber: Erro e ilusão: Não afastar o erro do processo de aprendizagem, integrar o erro ao processo, para que o conhecimento avance. 2º Saber: O conhecimento pertinente: Juntar as mais variadas áreas de conhecimento, contra a fragmentação. 3º Saber: Ensinar a condição humana: Não somos um algo só. Somos indivíduos mais que culturais, somos psíquicos, físicos, míticos, biológicos, etc. 4º Saber: Identidade terrena: Saber que a Terra é um pequeno planeta, que precisa ser sustentado a qualquer custo. Ideia da sustentabilidade terra-pátria. 5º Saber: Enfrentar as incertezas: Princípio da incerteza. Ensinar que a ciência deve trabalhar com a ideia de que existem coisas incertas. 6º Saber: Ensinar à compreensão: A comunicação humana deve ser voltada para a compreensão. Introduzir a compreensão; compreensão entre departamentos de uma escola, entre alunos e professores, etc. 7º Saber: Ética do gênero humano: É a antro-po-ética. Não desejar para os outros, aquilo que não quer para você.

A partir do que foi debatido ao longo do artigo, e dos sete saberes resumidos teremos um educador consciente do seu papel em sala de aula. Assim ele poderá apresentar,



por exemplo, em uma aula de Sociologia que tenha como objetivo o debate sobre a relação entre alunos no mesmo sexo, levando o filme: *Amigas de Colégio*<sup>4</sup>.

Sinopse do filme: Na pacata cidade em que vive, Elin é a garota mais cobiçada do colégio. Sua fama enlouquece os garotos, que a desejam como um objeto. Já Agnes é novata na cidade. É inteligente, culta, bonita, mas não faz o tipo "popular" e não se identifica com a turma. Seu diário revela que seus desejos e paixão platônica pertencem a Elin. Quando esta chega para a frustrada e vazia festa de aniversário de 16 anos, Agnes se recompõe, e mais tarde, choca-se com a atitude de Elin que, inesperadamente, lhe dá um beijo. A partir de então, uma crise de identidade e opção sexual passa a fazer parte da intimidade das duas garotas, que se vêem apaixonadas, mas não sabem como assumir a relação.<sup>5</sup>

O filme em questão pode e deve ser debatido/visto em sala. Ele aborda a homossexualidade na adolescência e este tema é cada vez mais frequente no dia-a-dia. Em um ambiente escolar, garotas descobrindo o que sentem uma pela outra. O filme sueco que aborda a relação lésbica tem humor e clareza. Boa opção para o tema, mas deve ser trabalhado com bastante cuidado.

Esperar o silêncio e as conversas paralelas (sobretudo 'piadinhas' e 'brincadeiras' que carregam uma presença forte do preconceito aos homossexuais na nossa sociedade) durante o filme é algo descartado. O professor deve agir com muita cautela com o tema, pois ele é um formador de opinião, e acima de tudo educa os valores e o caráter dos alunos. Assim, não deverão ter ofensas, brincadeiras, ou descaso com o assunto. Deve ser encarado como natural, tendo em vista que é comum atualmente.

Em sala o debate pode ser exemplificado com os vários lados da relação homossexual. As dificuldades enfrentadas, os preconceitos, as ofensas, toda postura contrária da sociedade. Mas, deve-se mostrar respeito aos que possuem esta opção sexual, pois nada têm de diferente como cidadãos que pagam seus impostos e que possuem suas profissões. Portanto, com muita delicadeza, pode-se abrir um grande leque de discussões e esclarecimentos para os educandos.

De qualquer forma, o ideia para se trabalhar este tema é lembrar da expectativa de entretenimento que o cinema desperta nos educandos. O filme além do conteúdo sociológico trás com ele diversas técnicas cinematográficas (ângulos; iluminação; cenografia;

<sup>4</sup> **Direção e roteiro:** Lukas Moodysson **Gênero fílmico:** Drama/Romance **Origem:** Dinamarca/Suécia / Longa metragem de 89 minutos.

<sup>5</sup> Sinopse disponível no site: <http://www.cineplayers.com/filme.php?id=2996> indicado na bibliografia.



atuação/representação cênica). Esses detalhes devem fazer parte dos debates, ajudando inclusive a enriquecer a discussão sobre o cinema e sua eficácia em sala de aula.

### 3. CONCLUSÕES:

Tentou-se fazer aqui um aparato geral sobre a visão do uso do cinema didaticamente, a prática social, juntamente com a visão educativa que o educador precisa ter para utilizar a cinematografia em suas aulas. Sabe-se que a prática docente exige hoje, mais do que nunca, um grande cuidado por parte dos educadores. Isto porque a educação é uma atividade cultural que acompanha suas transformações (da(s) cultura(s)). Essas mudanças devem ser no intuito de melhor trabalhar o ensino-aprendizagem, como no caso deste artigo.

Algumas características negativas do uso do cinema em sala foram abordadas ao longo do trabalho. Essa preocupação não é meramente figurativa, mas sim para que o educador possa construir junto com os educandos uma nova visão sobre homossexualidade. A partir do cuidado ético/educativo o educador poderá trabalhar o tema de forma a contribuir na formação dos alunos.

Com isso se percebe que a ideia não é somente que o professor passe um filme em sala. Ele deve passar com intuito pedagógico, ético. Abordar o tema na perspectiva de contribuir para a criticidade individual de cada aluno. Levar filmes previamente analisados pelo educador. Neste sentido utilizamos a título de exemplo o filme sueco *Amigas de colégio*, que trata da homossexualidade de duas adolescentes, alertando para o cuidado nas abordagens em sala.

Tentou-se mostrar que o cinema tem um papel importante na atualidade, servindo inclusive como exercício da prática social. Ajudando no ensino de várias disciplinas, e principalmente pelas suas questões técnicas audiovisuais, ele é hoje, um grande instrumento de educação, se utilizado para um amplo debate construtivo acerca de algum assunto da disciplina.

Em todo caso, a mensagem principal acerca do tema é interdisciplinar; pois, é próprio da linguagem cultural (atual). As contribuições tanto de teóricos oriundos da cinematografia especificamente, como também sobre educação e História do cinema, e do gênero no cinema, serviram para esta pesquisa. Aqui valorizamos a integração e da aproximação entre teoria e prática em sala de aula.

Assim, os novos desafios que os educadores travam na atualidade, precisam ser trabalhados com todo cuidado. Praticamente todos os temas possuem uma cinematografia



adequada para o uso pedagógico. Lembrando sempre do prévio conhecimento do professor sobre a cinematografia, da seleção de imagens se for o caso. Para que a pedagogia de Freire e as ideias de Morin tenham sentido prático, o filme, quando usado pelo educador em sala de aula, deve ser no intuito pedagógico. Deve ser um auxílio para temas específicos e deve estar previsto no planejamento de todo profissional da educação, que está livre para o uso do cinema em sala.

#### **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 1014 p.

ANDREW, James Dubley, 1945. **As principais teorias do cinema: uma introdução**. – rio de janeiro.: jorge zahar ed., 2002.

ARAÚJO, Mariluce de Souza (org.); IGNÁCIO, Renato da Silva. **Educar para a Humanização**. Recife: ed. Bagaço, 2009.

BAUMAN, Zygmund, **O mal-estar da pós-modernidade**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**. A orientação do homem moderno. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004.

BERNARDET, Jean-Claude; RAMOS, Alcides Freire. **Cinema e História do Brasil**. São Paulo, Ed. Contexto, 1988.

COLLINGWOOD, R.G., **A idéia de história**. Lisboa: Ed. Presença, 1972.

DOSSE, François. **A história**. Bauru: Ed. EDUSC, 2003.

EISENSTEIN, Sergei. **O sentido do Filme**. Rio de Janeiro, ED. Zahar Editor LTDA, 1990.

\_\_\_\_\_. **Reflexões de um cineasta**. Lisboa: Editora Arcádia, 1992.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa**. 3ª edição, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: ed. Paz e Terra, 1996.



## IV Colóquio de História

*Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade  
de 16 a 19 de novembro de 2010 - UNICAP*

\_\_\_\_\_. **A educação na Cidade.** São Paulo: Ed. Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da Liberdade.** Rio de Janeiro: ed. Paz e Terra, 2005.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: ed. Paz e Terra, 2005.

GOMES, Paulo Emílio Sales. Cinema: **Trajatória no subdesenvolvimento.** São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996 (coleção Leitura).

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2000.

LIBÂNIO, João Batista. **As lógicas da cidade:** o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé. São Paulo: Loyola, 2002.

LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno.** Rio de Janeiro: Ed. JO, 1986.

LOTMAN, Yuri. **Estética e semiótica do cinema.** Lisboa: Ed. Editorial Estampa, 1978.

MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas e Pós-cinemas.** Campinas, Papyrus, 1996.

MASCARELLO, Fernando (org.). **História do cinema mundial.** Campinas, SP: Papyrus, 2006. MODRO, Nielson Ribeiro. **Cineducação 2: usando o cinema na sala de aula.** Joinville-SC: Ed. UNIVILLE, 2006.

RIBEIRO, Nielson. **Cineducação 2: usando o cinema na sala de aula.** Joinville-SC: Ed. UNIVILLE, 2006.

SOUZA, João Francisco (Org.). **A Educação de Jovens e Adultos no Brasil e no Mundo.** Recife: ed. Bagaço, 2000.

SOUZA, João Francisco. **Atualidade de Paulo Freire: contribuição ao debate sobre a educação na diversidade cultural.** Recife: ed. Bagaço, 2001.

SILVA, Beatriz de melo(org.); ARAÚJO, Mariluce de Souza (org.). **O ser Humano e suas relações com o mundo, com o outro e consigo mesmo ; O ser Humano e o Trabalho; O ser Humano e o mundo pós-moderno.** Recife: ed. Bagaço, 2009.

SADOUL, Georges. **História do cinema mundial: das origens aos nossos tempos.** Lisboa: Horizonte Livros, 1963.





STAM, Robert. **Introdução à teoria do cinema**. São Paulo, Ed. Papyrus, 2003.

TOMAZ, Tadeu da Silva (org.); HALL, Stuart ; WOODWARD, Hathryn. **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2000.

TUDOR, Andrew. **Teorias do cinema**. Ed. Edições 70, Lisboa - Portugal

TURNER, Graeme. **Cinema como prática social**. São Paulo: Ed. Summus, 1997.

XAVIER, Ismail. **Discurso cinematográfico: A Opacidade e a Transparência**. Paz e Terra, 2005 [capítulo 5: "A vanguarda"]

Sites: Acessos entre os dias 26 e 29 de março de 2009.

<http://www.campus-oei.org/revista/rie32a04.htm>

[http://www.artenaescola.org.br/pesquisa\\_artigos\\_texto.php?id\\_m=48](http://www.artenaescola.org.br/pesquisa_artigos_texto.php?id_m=48)

<http://www.cineplayers.com/filme.php?id=2996>

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Edgar\\_Morin](http://pt.wikipedia.org/wiki/Edgar_Morin)

Artigo On-line:

**O filme documentário como "documento da verdade"**

Site: Acesso em 02 de outubro as 4:46min.

<http://www.oohodahistoria.ufba.br/01ofilme.html> -

Artigo On-line:

**A produção cinematográfica em sala de aula: um outro olhar para o fazer histórico**

Site: Acesso em 18 de novembro de 2009 as 5:15min.

<http://www.anpuh.uepg.br/historia-hoje/vol3n7/gleison.htm>

**Sites acessados entre os dias 26 e 29 de março, 2009:**

<http://www.campus-oei.org/revista/rie32a04.htm>

[http://www.artenaescola.org.br/pesquisa\\_artigos\\_texto.php?id\\_m=48](http://www.artenaescola.org.br/pesquisa_artigos_texto.php?id_m=48)

<http://www.cineplayers.com/filme.php?id=2996>

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Edgar\\_Morin](http://pt.wikipedia.org/wiki/Edgar_Morin)